



Sindsep/MA participa do 3º Seminário de Comunicação e Poder no Maranhão



Claudia Santiago, Admirson Medeiros (Greg), Lívia Lima e Daiene Mendes.

A segunda mesa abordou “Os desafios da comunicação no Maranhão diante das graves violações sociais, ambientais e culturais”, com a participação de Meire Diniz, Guilherme Zagallo, Jô Brandão, Ed Wilson Araújo e Sabrina Oliveira Teixeira.

O Seminário foi organizado e promovido pela Associação Brasileira de Rádios Comunitárias no Maranhão (Abraço-MA) e pela Agência Tambor. O Núcleo Piratininga de Comunicação do Rio de Janeiro (NPC), que veio participando desde a 1ª edição, seguiu dando um apoio estratégico.

Para a Direção do Sindsep/MA esses momentos de debates

sobre o processo de comunicação são importantes para que se possa pensar o movimento sindical por uma outra ótica. O Sindsep/MA entende a comunicação como peça fundamental para a organização da classe trabalhadora e difusão da política sindical.



O Sindsep/MA por meio da sua Direção, participou no último dia 11, do 3º Seminário de Comunicação e Poder no Maranhão. O evento aconteceu no Sindicato dos Bancários, no Centro da cidade de São Luís.

No evento foram discutidas as conjunturas nacional e local.

A primeira mesa discutiu “O papel da comunicação popular na atual conjuntura brasileira”, e teve como participantes



Saiba o que é racismo estrutural e como ele atinge a população brasileira

Muito se fala que o racismo não é um preconceito somente, mas algo que estrutura a sociedade e as relações de poder. Mas, ainda hoje o racismo estrutural, muitas vezes, é confundido com racismo institucional, levantando questionamentos de como ele funciona e de como atinge a vida das pessoas.

Em um bate-papo com a filósofa Djamila Ribeiro sobre o tema, o professor de Direito e ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida, afirma que “não existe racismo que não seja estrutural”.

Todo o racismo, segundo essa acepção, é estrutural porque o racismo não é um ato, o racismo é o processo em que as condições de organização da sociedade reproduzem a subalternidade de determinados grupos que são identificados racialmente.

“É estrutural [o racismo] porque estrutura todas as instituições”, pontuou o agora ministro, que é autor do livro “O que é racismo estrutural?”, da coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamila.

“[Racismo estrutural] não é só uma questão moral, não é uma questão jurídica, não é uma questão somente econômica”, continuou o ministro, lembrando que o racismo está em todas as estruturas da sociedade.

A importância da história para entender o conceito

Para entender as raízes do racismo estrutural no Brasil e como essa história começou a se perpetuar até os dias de hoje, é necessá-

rio voltar ao início do século XVI ao século XIX, onde instituiu-se a escravidão, marcada principalmente pela exploração forçada da mão de obra de negros e negras trazidos do continente africano, e que aqui foram transformados em escravos pelos europeus colonizadores.

Os três séculos de escravidão no Brasil, situação que só teve fim por conta da resistência dos negros escravizados, somado ao interesse econômico internacional, deixaram marcas profundas de desigualdade em todas as estruturas de poder. Disparidade que orienta e conduz, até os dias de hoje, as relações econômicas, sociais, culturais e institucionais do país.

No pós-abolição, em 1888, pessoas negras não tiveram acesso à terra, indenização ou reparo por tanto tempo de trabalho forçado. Muitos permaneceram nas fazendas em que trabalhavam em serviço pesado e informal. Foi a partir daí que se instalou a exclusão de pessoas negras dentro das instituições, na política, e em todos os espaços de poder.

A definição do que é racismo estrutural

Racismo estrutural é um conjunto de práticas discriminatórias, institucionais, históricas e culturais dentro de uma sociedade que frequentemente privilegia algumas raças em detrimento de outras.

O termo é usado para reforçar o fato de que há sociedades estruturadas no racismo, o que favo-

rece pessoas brancas e desfavorece negros e indígenas.

Falar de racismo estrutural é lembrar das questões centrais que mantêm esse processo longo de desigualdade entre brancos e negros e que se desdobram no genocídio de pessoas negras, no encarceramento em massa, na pobreza e na violência contra mulheres.

O racismo tem diversas maneiras de se manifestar, afirma a doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) Adriana Moreira, alertando que é necessário pensar em estratégias e instrumentos para combatê-lo.

Um exemplo que ela dá é o quesito cor. De acordo com a doutora, o sistema, que controla as matrículas e as informações das crianças nas cidades, foi implementado sem que nenhum funcionário da rede passasse pela formação para debater o quesito cor.

“Precisamos entender porque os meninos negros saem mais cedo da escola do que os garotos brancos, o que acontece no ambiente escolar, quais são as trajetórias desses meninos, porque que esses meninos são mais colocados numa trajetória de morte na adolescência do que os meninos brancos. São questões fundamentais, que quando a gente discute a estruturação dos processos, constrói a racionalização das instituições e das relações institucionais e interpessoais, ajuda a pensar em possibilidades de desfazer os processos”, argumenta Adriana.

Fonte: CUT